

Lô Borges faz giro  
por teatros do  
circuito Firjan Sesi



PÁGINA 4

Espectáculo  
debate cidadania  
e Constituição



PÁGINA 6

Estação NET exhibe  
o cult 'O Pagador  
de Promessas'



PÁGINA 7

## 2º CADERNO

# Chico Buarque, o menestrel do Brasil, chega aos 80

Entre canções e livros, o artista segue retratando o país com maestria

Por **Affonso Nunes**

**H**á anos Francisco Buarque de Holanda ostenta o título de maior compositor brasileiro vivo. Não bastasse isso Chico Buarque, que completa 80 anos nesta quarta-feira (19), deu ao país uma obra literária premiada que inclui romances e peças de teatro. Artista de múltiplas linguagens, foi também personagem importante numa trama da vida real: a resistência aos anos de chumbo da ditadura militar. Sua arte era sua arte, artes esta que encanta o Brasil até hoje. Parabéns, Chico!

Aclamado por sua genialidade musical e poética e com o dom de abordar temas sociais e políticos de forma profunda e sensível, Chico acumula sucessos, prêmios e reconhecimento internacional. Influenciado por um ambiente familiar rico em cultura, Chico Buarque desde cedo demonstrou vocação para a música e a poesia. Tanto que, aos 15 anos, compôs seu primeiro, "Canção dos Olhos", e aos 17, teve sua "Pedro Pedreiro" gravada por Nara Leão. Em 1966, a canção "A Banda", interpretada por Nara, venceu o I

Festival de Música Popular Brasileira (MPB), consolidando Chico como astro de uma cena musical emergente.

Em meio à ditadura militar implantada pelo Golpe de 1964, Chico assumiu uma verve engajada crítica. Em resposta, Chico foi vítima de censura e perseguição. Teve suas músicas proibidas de tocar nas rádios, shows cancelados e liberdade cerceada. A saída foi um período do exílio na Itália.

Mas a distância não o silenciou. Chico continuou compondo e cantando e sua obra, escrevendo livros e peças de teatro, levando sua arte para outros países e denunciando a ditadura brasileira em palcos internacionais. Em 1976, após sete anos de exílio, Chico Buarque retornou ao Brasil.

Apesar da censura, nunca se calou e utilizou de sua criatividade e talento para driblar os censores, criando novas formas de expressar suas críticas e mensagens. Chegou até a criar um pseudônimo chamado Julinho de Adelaide para conseguir escapar da perseguição dos censores. A ideia era perfeita, já que, assinando com outro nome, o músico tinha muito mais chances de ter suas canções aprovadas. Seus grandes sucessos "Jorge Maravilha" ("Você não gosta de mim, mas sua filha



Leo Aversa/Divulgação

gosta") e "Acorda Amor" foram assinados como sendo de autoria de Julinho.

Em algumas canções, recorreu à linguagem indireta, metáforas e simbolismos para abordar temas sensíveis sem ser diretamente censurado. Em outras, compôs canções de amor e humor que, à primeira vista, pareciam inofensivas, mas que escondiam críticas

sociais em suas entrelinhas. Canções como "Apesar de Você", "Cálice" e "Angélica" se tornaram hinos da resistência.

A discografia de Chico abrange hoje um total de 51 álbuns, incluindo discos de estúdio, registros de shows ao vivo e trilhas sonoras para teatro e cinema.

Continua na página seguinte

# Um dramaturgo social



Reprodução

O jovem Chico Buarque (E) acompanha os ensaios de 'Roda Viva', em 1968

**M**estre da canção popular, Chico Buarque deixou também sua marca como dramaturgo renomado. O artista escreveu quatro peças de

teatro, explorando diferentes estilos e temáticas.

"Roda Viva" (1967), a primeira delas, era uma alegoria política sobre a tortura e a repressão durante a ditadura militar, com elementos de

suspense e humor negro. Foi escrita no fim de 1967 e estreou no Rio de Janeiro no início do ano seguinte, sob a direção de José Celso Martinez Corrêa (1937-2023). Durante sua temporada em São Paulo, um

grupo de cerca de vinte pessoas do Comando de Caça aos Comunistas (CCC), invadiu o Teatro Ruth Escobar, espancou os artistas e depredou o cenário. O espetáculo ainda voltaria a ser encenado em

## No cinema, foi compositor, roteirista e ator

Além do teatro, Chico Buarque tem parte de sua trajetória entrelaçada com o cinema, para o qual escreveu roteiros, trilhas sonoras e até atuou como ator. Em 1966, mesmo ano em que lançou seu álbum de estreia e conquistou o Festival da Música Popular Brasileira, o artista fez seu primeiro trabalho para o cinema, compondo uma melodia para o filme "O anjo assassino" (1966), de Dionísio Azevedo.

A trilha seguinte foi em "A Semente do Adeus" (1975). Chico compôs a trilha completa do filme, incluindo "O Que Será". Em "Dona Flor e Seus Dois Maridos" (1976)

- adaptação do diretor Bruno Barreto para o romance homônimo de Jorge Amado (1912-2001) -, a canção "O Que Será (De Você)" conquistou o Oscar de Melhor Canção Original, consagrando o músico internacionalmente.

Chico voltaria a conviver com trilhas do universo de Jorge Amado, dividindo com Milton Nascimento e Tom Jobim (1927-1994) as canções que embalsamaram "Gabriela, Cravo e Canela" (1983), considerada uma das mais belas trilhas sonoras da MPB.

Em "Terra Estrangeira" (1995), os diretores Walter Salles Jr. e Da-



Acervo/Cinemateca Brasileira

**Nara Leão, Chico Buarque e Maria Bethânia em 'Quando o Carnaval Chegar' (1972), de Cacá Diegues**

niela Thomas incluíram a canção "Tatuagem", originalmente composta para a peça "Calabar - O Elogio da Traição", que se tornou um dos principais sucessos do filme.

Como roteirista, Chico Buarque co-escreveu "Os Saltimbancos Trapalhães" (1981), musical infantil estrelado pelo famoso grupo

humorístico e uma das grandes bilheterias do cinema brasileiro.

Em 1986, Chico dividiria com Ruy Guerra e Orlando Senna o roteiro que adaptou sua peça "Ópera do Malandro" para o cinema, com a direção de Guerra.

Além dos roteiros, a colaboração de Chico Buarque com o ci-

Porto Alegre e tornou-se uma das montagens teatrais mais significativas daquela década.

Seis anos depois, Chico escreveria "Calabar", um drama histórico que reinterpreta a história de Domingos Calabar, herói negro da resistência à colonização holandesa no Brasil. Aqui, o elemento histórico servia de pano de fundo para denunciar a ditadura militar.

Outra metáfora viria em "Gota d'Água" (1975), uma tragédia moderna inspirada em "Medéia", obra clássica de Eurípedes, que aborda temas como o amor, a traição, o ciúme e a violência contra a mulher.

Talvez a mais popular das peças e Chico tenha sido "Ópera do Malandro" (1978), comédia musical inspirada na "Ópera dos Três Vinténs" de Bertolt Brecht, que retratava a vida marginalizada no Rio de Janeiro dos anos 1940 com humor, crítica social e trilha sonora música soberba.

A dramaturgia de Chico Buarque é um reflexo do engajamento social e político do artista na música, abordando temas relevantes para a sociedade brasileira, como a repressão, a desigualdade social, a violência e o machismo.

nema inclui trabalhos como ator. Estreou interpretando a si mesmo em "Garota de Ipanema" (1967), de Leon Hirszman. "Achava que poderia ser ator de cinema, mas aí cresci e desisti. Sou um péssimo ator. Geralmente, quando me chamam para atuar é para interpretar a mim mesmo ou a uma versão de mim mesmo", disse ao documentarista Roberto de Oliveira.

Seu principal personagem nas telas foi Paulo, de "Quando o Carnaval Chegar" (1972), de Cacá Diegues. O papel era, de fato, uma versão de Chico. O longa tinha ainda no elenco Hugo Carvana (1937-2014), Nara Leão (1942-1989) e Maria Bethânia.

Seus demais trabalhos como ator estão nos longas "Vai Trabalhar, Vagabundo II" (1991), de Hugo Carvana; "O Mandarim" (1995), de Júlio Bressane; "Ed Mort" (1997), de Alain Fresnot; e "Água e Sal" (2001), da cineasta portuguesa Teresa Villaverde.

# Um autor que honra a língua portuguesa

Reprodução YouTube



Chico em leitura de trechos de 'O Irmão Alemão' em vídeo promocional da Companhia das Letras

**C**hico Buarque é também um escritor de excelência, agraciado com o Prêmio Camões, um dos mais importantes da língua portuguesa que avalia o conjunto da obra de diversos escritores de diferentes países lusófonos. Conquistou ainda o Jabuti, a maior premiação brasileira; e o Prêmio Literário José Saramago. Seus livros foram traduzidos para diversos idiomas e publicados em vários países, consolidando seu status como um autor de alcance internacional.

Sua produção literária começa na juventude. Ainda adolescente, publicou suas primeiras crônicas no "Verbâmidas", jornal do Colégio Santa Cruz, em São Paulo, onde o artista carioca viveu na adolescência. Nesta fase revelou talento na escrita curta (contos e crônicas) publicadas em jornais como O Estado de S.Paulo e O Pasquim, o semanário de humor que fez mordaz oposição à ditadura

militar.

Em 1966, publicou no jornal O Estado de S.Paulo o conto "Ulisses", incorporado depois no primeiro livro chamado "A Banda" (1966), que trazia os manuscritos das primeiras canções.

Em 1974 sai a novela pecuária "Fazenda Modelo", uma alegoria crítica da sociedade brasileira durante a ditadura militar e que guarda alguma similaridade com a "Revolução dos Bichos", do britânico George Orwell (1903-1950). Em 1979 é editado "Chapeuzinho Amarelo" e em 1981 "A Bordo do Rui Barbosa", poema da década de 60 ilustrado por Vallandro Keating.

A partir do início dos anos 80 Chico passa a alternar suas produções musicais com a literárias e um romance marcante dessa fase é "Estorvo" (1981), "uma peregrinação alucinada em demanda das raízes perdidas, através dum percurso existencial povoado de assom-

bro e de solidão" nas palavras do crítico José Cardoso Pires. A obra foi o primeiro livro de Chico a ser adaptado para o cinema, sob a direção do amigo e parceiro Ruy Guerra.

A obra seguinte seria "Benjamim" (1995). É um livro um tanto cinematográfico, como diz o autor em seu site oficial: "De certa maneira, as imagens foram me guiando". Não por coincidência, a obra também ganharia as telonas em adaptação feita pela diretora Monique Gardemberg em 2004.

Lançado em 2003, o romance "Budapeste" ganhou nova adaptação para cinema, desta vez pelo olhar do cineasta Walter Carvalho, em 2009. Para o colega Caetano Veloso, é "talvez o mais belo dos três livros da maturidade de Chico. 'Budapeste' é um labirinto de espelhos que afinal se resolve, não na trama, mas nas palavras, como poemas".

"Leite Derramado" (2009) é uma saga familiar caracterizada pela decadência social

e econômica, tendo como pano de fundo a história do Brasil dos últimos dois séculos.

Aos 22 anos, Chico Buarque descobriu que tinha um irmão alemão nunca antes mencionado. Aos 70, publicou "O Irmão Alemão", livro onde ficção e realidade se misturam.

Seu livro seguinte é "Essa Gente" (2019), o primeiro de Chico após a consagração com o Prêmio Camões. Há alguns pontos de contato entre o autor e seu protagonista, o escritor Manuel Duarte. A obra recebeu comentários elogiosos do colega Salman Rushdie, escritor e ensaísta britânico de origem indiana muçulmana: "A imaginação literária de Chico Buarque é bela e peculiar. Ler sua ficção é sempre um prazer".

Em sua obra mais recente, "Anos de Chumbo" (2021), Chico Buarque viaja no tempo e reúne contos escritos ao longo de sua carreira, explorando temas como a censura, a repressão e a memória.

A Companhia das Letras vai lançar, ainda este ano, o novo livro de Chico Buarque, que agora assina "Bambino a Roma", autoficção em que narra o fim de sua infância na Itália. Antes mesmo do exílio, a família Buarque viveu na capital italiana por cerca de dois. Seu pai, o sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, era professor de uma universidade na cidade. Nesse período, Chico aprendeu o italiano e o francês e essa proximidade com o país acabou sendo determinante na hora de escolher um local para se exilar nos anos de chumbo.

## A polêmica do Camões

A conquista do Prêmio Camões por Chico Buarque colocou o autor no centro de uma polêmica que criou um certo atrito entre autoridades brasileiras e portuguesas. Depois de quatro anos de espera, o cantor, compositor e escritor recebeu em abril do ano passado em Sintra (Portugal), o mais importante prêmio da literatura de língua portuguesa.

Um dos motivos da demora se deveu à recusa do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) em assinar a documentação necessária para que o artista recebesse o diploma em 2019. A entrega também acabou prejudicada pelo confinamento imposto pela pandemia de covid-19.

Em sua fala ao receber a premiação, em um salão nobre no Palácio Nacional de Queluz, Buarque, visivelmente emocionado, fez alusão a Bolsonaro, mas não o citou nominalmente. "O ex-presidente (Bolsonaro) teve a rara fineza de não sujar o diploma de Camões, deixando o espaço em branco para a assinatura do presidente Lula", afirmou ele na cerimônia que contou com a presença do presidente brasileiro e de sua ministra da Cultura, Margareth Menezes.

## CORREIO CULTURAL

# Lô Borges não é só o rapaz do Clube da Esquina



Reprodução

Cena do documentário em cartaz no Globoplay

## Doc. sobre Bruno Pereira e Dom Phillips é indicado a prêmio

Produzido pela Globo e dirigido por Sonia Bridi, o documentário "Vale dos Isolados - O assassinato de Bruno e Dom" foi indicado a um importante prêmio internacional, cujo resultado sai em julho.

A produção é um dos finalistas ao prêmio Gabriel García Márquez - Prêmio Gabo 2024, na categoria Imagem. O filme se debruça sobre o assassinato dos dois em 2022, vítimas de uma emboscada em um crime que repercutiu no mundo inteiro. A equipe passou mais de 100 dias filmando na região, onde o indigenista e o jornalista inglês foram executados, vítimas de uma emboscada - um crime que repercutiu no mundo inteiro.

### Locação de sonho

O Rio de Janeiro, cidade coibada na filmografia nacional, parece cada vez mais encantar também os cineastas estrangeiros. A cidade superou Paris ao longo de 2023 como uma das cidades mais buscadas para filmagens de filmes.

### Locação de sonho II

Dados da RioFilme, órgão da Secretaria Municipal de Cultura do Rio, indicam que a cidade recebeu 7.885 diárias de filmagem, contra 7,4 mil da cidade francesa. O número carioca supera ainda o de São Paulo, que teve pouco menos de 4,9 mil diárias.

### Queeriosa Cine

Nesta quinta-feira (20) o Queeriosa Cine exibe "Paris is Burning", documentário multipremiado dos anos 1990, dirigido por Jennie Livingston, que retrata a cultura dos bailes gay no Harlem, o famoso baiiro negro de Nova York (EUA).

### Melhoras, Sir!

Ian McKellen foi internado em Londres após cair do palco durante um espetáculo de teatro. O ator de 85 anos encenava uma batalha durante a peça "Player Kings" quando caiu do palco e gritou por socorro. O espetáculo foi cancelado na hora.

João Diniz/Divulgação



Lô Borges fará apresentações no Rio, Baixada e interior fluminense a preços populares

Cantor e compositor mineiro celebra os mais de 50 anos de uma sólida trajetória musical com série de shows no circuito Firjan Sesi

**L**egítimo representante da chamada música mineira que dominou a cena artística a partir dos anos 1970, Lô inicia nesta quarta-feira (19) um giro pelos palcos do circuito Firjan Sesi com shows no Rio, Macaé (20), Campos dos Goytacazes (21) e Itaperuna (22) com o espetáculo "Lô

Borges - 50 Anos de Música".

Igualmente reconhecido como cantor e instrumentista, Lô permanece ativo, gravando seus álbuns, realizando shows que lotam temporadas e, principalmente, encantando uma legião de fãs não apenas com os grandes sucessos atemporais do Clube da Esquina, mas também com as sua produção

recente, com novas e igualmente inventivas composições.

No mesmo ano em que saía o icônico álbum com Milton, Beto Guedes e uma constelação de grandes músicos, Lô Borges lançaria seu primeiro álbum solo "Lô Borges", mais conhecido como o "Disco do Tênis".

Lô ultrapassou a marca dos 70 anos de idade, vivenciando uma fase de intensa produtividade, exercitando como nunca o ofício de compositor: são cinco discos de inéditas lançados nos últimos cinco anos.

Neste show em formato duo, juntamente com o músico Henrique Matheus, na guitarra e vocais, Lô Borges relembra clássicos de nossa música como "O Trem Azul", "Um Girassol da Cor do Seu Cabelo", "Paisagem da Janela" entre outras; resgata uma ou outra faixa do clássico "Disco do Tênis" como "Canção Postal" e "O caçador"; e traz à tona novidades de cinco discos de inéditas: "Rio da Lua" (2019), com letras de Nelson Angelo; "Dinamo (2020)", em parceria com o letrista Makely Ka; "Muito Além do Fim (2021)" - no qual retoma a parceria com o irmão Márcio Borges, após 10 anos; "Chama Viva" (2022), com a compositora paulista Patrícia Maês; e, por fim, do seu mais recente álbum "Não me Espere na Estação" (2023), indicado ao Grammy Latino, com letras de Cesar Mauricio.

### SERVIÇO

LÔ BORGES - 50 ANOS DE MÚSICA

19/6, às 19h, no Teatro Firjan Sesi - Centro (Av. Graça Aranha, 1)

20/6, às 20h, no Teatro Firjan Sesi Macaé (Alameda Etelvino Gomes, 155 - Riviera Fluminense)

21/6, às 20h, no Teatro Firjan Sesi - Campos dos Goytacazes (Rua Deputado Bartolomeu Lysandro, 862 - Guarus)

22/6, às 19h, no Teatro Firjan Sesi Itaperuna (Av. Deputado José de Cerqueira Garcia, 895) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

# A cor que habita a missanga de Ciça Brandi

Single da cantora e compositora carioca faz referências ao amarelo

O escritor moçambicano Mia Couto notou que “a missanga, todos a veem. (Mas) ninguém nota o fio que, em colar vistoso, vai ligando as missangas”. E qual seria o fio que liga missangas tão diversas quanto um abacaxi, o brilho do Sol, uma tela de Van Gogh, um quindim, e uma bola de tênis? Na sensível percepção da cantautora Ciça Brandi é a cor amarela que conecta todos os elementos que inspiraram a composição de “Amarelo”.

O single é a primeira “missanga” de “Cores”, o colorido colar so-

noro que a artista começa a mostrar com a chegada da música nas plataformas digitais nesta sexta-feira (21) e que o Correio ouviu antes.

“Amarelo’ tem girassol, pão de queijo, Brigitte Bardot, Yellow Submarine. Tem alguém que viaja sozinha (e feliz), pois quem ia junto amarelou. Tem crianças conversando sobre coisas amarelas. O amarelo tem uma história vinculada ao medo e à opressão. Mas optei, na minha música, por trazer o lado mais radiante e saboroso da cor”, explica Ciça, que contou com Marcos Suzano na gravação desse xote solar, com pitadas de reggae,



Ciça Brandi: ‘As cores estão em tudo e nos comovem’

produzido por Guilherme Gê.

A letra incorpora ainda referências musicais, gastronômicas e literárias, entre outras. “As cores estão em tudo e nos comovem”, atesta a

artista. A criação de “Amarelo” e das músicas de Ciça Brandi é inspirada por emoções e ideias, às vezes contraditórias, despertadas pelas cores, e pela materialidade delas:

Divulgação

qual o som e a pulsação de cada cor? As letras reúnem elementos, expressões e situações que remetem às cores, por vezes criando narrativas em torno delas. E as melodias imprimem às letras um ritmo e uma temperatura para cada cor.

Foi a elaboração desse álbum, inclusive, que a inspirou a escrever sua tese de doutorado, chamada “Feixes de cores: ensaios e notas”, sobre como as cores nos afetam, inclusive na música e na literatura, num desdobramento do trabalho musical. A cada música, Ciça conjuga diversão com estímulos sensoriais e culturais. O sabor e o saber. “O amarelo, por exemplo, tem uma história vinculada ao medo e à opressão. Mas optei, na minha música, por trazer o lado mais radiante e saboroso da cor”, revela Brandi.

Gestado por mais de 20 anos, e finalmente previsto para ser lançado em agosto, “Cores”, o álbum, vai propor, de modo sinestésico, uma abordagem musical para cada uma delas, com ritmos e pulsações próprias.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Leveza de forró

Formado pelos cantores e compositores André Moreno e Dito Bruzugú, o duo Festim se une a um dos maiores nomes da MPB, Elba Ramalho, no seu segundo single, “Enxote”, um forró leve e romântico que chega em todas as plataformas de música nesta sexta-feira (21) e que o Universo Single ouviu antes. “Enxote” incorpora diversas referências de ritmos nordestinos, como zabumba, triângulo, sanfona e o próprio xote - proposta apresentada por Luã Yvys, filho de Elba e que assina a produção do projeto.

Fernando Ocazione/Divulgação



Pablo Nascimento/Divulgação



### Paixões que nascem

Alinne Garruth fez arte do início de uma paixão. A cantora e compositora capixaba une MPB, pop e suas vivências em uma sinceridade simples. Após EPs e singles, a artista está prestes a lançar seu primeiro álbum de estúdio e começa essa jornada com um ponto de virada: um amor que muda a sua história em “Bar de Baixo”, em parceria com seu parceiro de música e vida Marcel. “Essa faixa surgiu nas primeiras semanas que conheci meu agora noivo. A gente tava naquela faísca dos primeiros encontros e ainda nervosos com o que o futuro poderia trazer”, se diverte.

Rui Palmas/Divulgação



### Reminiscências

A artista trans não-binária Diego Bragà apresenta o seu novo single autoral, “Minha Infância Acabou”, que chega em todas as plataformas de música nesta sexta-feira (21), com produção da DJ Boss in Drama e via selo Estúdio304, do produtor musical Chico Neves. A multiartista mineira, que reside entre Brasil e Portugal, lançará também o videoclipe da faixa, no mesmo dia, em seu canal no YouTube. Dançante e reflexiva, a música traz fragmentos e impressões da infância de Diego. É também cheia de referências a ícones da infância dos anos 1980 e 1990, como a She-Ha! e os Ursinhos Carinhosos.

# Constituição? **A quem serve?**

Idealizada por Natasha Corbelino, montagem inédita leva ao palco 20 atrizes conversando com direitos e deveres de modo divertido

**“E** quando a galinha é sua, mas bota ovo no terreno do vizinho? De quem é o ovo?”. A pergunta que abre “Constituição: o Ovo ou a Galinha?” já insinua os questionamentos aos quais a peça se propõe. Texto inédito de Cecília Ripoll a partir de uma longa pesquisa de Natasha Corbelino, o espetáculo dirigido por Juliana França leva à cena 20 atrizes plúras na Arena do Sesc Copacabana. A peça trava uma discussão sobre direitos e deveres de modo divertido e fluido.

No palco, muitos Brasis. Uma dramaturgia nacional inédita, escrita e dirigida por pessoas jovens e com percursos consistentes. Em cena, com maioria não-branca, estão atrizes negras, indígenas e brancas, não-binárias, transgêneras e cisgêneras. Na trama, só uma cerca separa os terrenos vizinhos, e um personagem adquire uma galinha bem peculiar: ela só consegue colocar ovos no terreno do



Renato Mangolim/Divulgação

A montagem de ‘Constituição: o Ovo ou a Galinha’ reúne 20 atrizes

vizinho. E aí, de quem são os ovos? Essa é a pergunta chave que move a ficção no desejo de promover reflexão e debate.

A peça teve sua origem em 2016 quando, no dia em que foi votado o impeachment da presidente Dilma Rousseff, Natasha decidiu trabalhar com a Constituição Brasileira nos Arcos da Lapa. Desde então, a artista passou a pesquisar a Carta Magna e performar artisticamente sobre o tema em muitos projetos como, em 2020, passou 7h falando a palavra “constituição” no YouTube do Museu da

Maré no dia 7 de setembro daquele ano. Em 2021, foram 8h ao vivo no Oi Futuro Flamengo lendo a Constituição Brasileira como parte do projeto “Boleto em Cena”, cuja proposta era que boletos de pessoas trabalhadoras da Cultura fossem pagos enquanto a ação performática acontecia.

“O que o teatro faz, e nossa peça celebra, é um ato precioso de dar a ver camadas de Brasis em luta com uma linguagem estética que ilumina e é iluminada pela ética coletiva que só a cena partilha com o público. Com a cria-

ção, as pessoas na plateia podem bordar mais possibilidades de lidar com o real e a expansão de estratégias de manutenção da pulsão de Vida. Nossa peça evidencia o que falta e o que sobra na nossa Constituição como sociedade democrática. Nossa cena causa conversa plural ao mostrar e estimular que muitos pontos de vista tomem a palavra, o corpo, tomem uma posição em relação a uma questão aparentemente simples: de quem é o ovo?”, pondera Natasha.

“A Constituição de 1988 é tida como exemplo mundial enquanto avanço de conquistas sobre direitos das minorias. Mas, talvez pelo linguajar mais formal e institucional, talvez pelas letras miudinhas ou até mesmo por uma soma de fatores, há algo nela que faz com que guardemos deste documento uma certa distância. Através da ficção e do humor estabelecemos uma troca franca e direta com o público, quebrando a ideia prévia de ser algo muito complicado”, acredita a autora Cecília Ripoll.

## SERVIÇO

CONSTITUIÇÃO: O OVO OU A GALINHA?

Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 23/6, de quinta a domingo (20h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)

## Jacqueline Laurence, uma ativista do teatro

Reprodução



Jacqueline Laurence chegou ao Brasil na juventude e se estabeleceu como atriz

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

Recebi o aviso do falecimento de Jacqueline Laurence pelo WhatsApp. A notícia veio repleta de amor, afeto, carinho, pois Hilário e Maria da Guia Mendes jamais deixaram de cercar a excepcional artista de toda atenção. Tive o privilégio de sentar ao seu lado nas estreias, nos jantares e ouvir suas histórias. Com o mesmo embevecimento com que a vi, pela primeira, em “A Menina e o Vento”, de Maria Clara Machado.

Jacqueline jamais perdeu o sotaque do erre dobrado dos franceses e foi sempre ativa no melhor do teatro brasileiro, atuando, dirigindo, integrando os grupos

mais importantes, lançando autores. Ganhadora dos troféus Mambebe e Molière, sempre combateu o bom combate, com atuações memoráveis.

Seguia a máxima de Molière: “Dê-me um homem sincero e eu o adorarei, dê-me um hipócrita e eu o amaldiçoarei com todas as minhas forças.” Assim, era sincera e objetiva sobre todos os assuntos. Não casou, não teve filhos e jamais se lamentou. Entendeu que vir ao Brasil não foi sua opção – seu pai veio ser jornalista no Brasil – mas jamais reclamou daqui.

Bonita, refinada fazia papéis, sobretudo na televisão que correspondiam ao seu fenótipo. E no teatro, espaço em que não há esse tipo de limitação, atuou em todos os gêneros. “Não existe esse problema no

teatro. Os atores escrevem papéis de várias idades e modos. Na TV, por sua vez, houve uma época em que fiz muitas personagens que, efetivamente, eram adequadas ao meu tipo físico, à minha maneira de ser e comportamento natural. Evidentemente, pode-se fazer certos papéis ou não. É uma questão de tipo”, comentava.

Engraçada, com uma gargalhada sonora e franca, dirigiu e participou de um dos movimentos teatrais mais simbólicos dos anos 1980, o Besteirol – que projetou Miguel Falabella, Guilherme Karam, Mauro Rasi. Talvez, por isso, costumava dizer: “Não acho nenhum ponto negativo em minha atividade teatral. Sempre fiz o que gostava”. Essa paixão passou para todos nós.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**ncenada em 1960, pelo Teatro Brasileiro de Comédia - TBC, sob a direção de Flávio Rangel, “O Pagador de Promessas” foi traduzida em dez línguas e encenada em 15 países, levando as inquietações sociais de seu autor, Alfredo Dias Gomes (1922-1999), para o mundo.

Desde sexta-feira, o espetáculo vem sendo citado nas apresentações de Othon Bastos em “Não Me Entrego, Não!”, de Flávio Marinho, no palco do Teatro Vannucci, no Shopping da Gávea. Ele fez parte da adaptação cinematográfica homônima da peça que, lançada em 1962, conquistou para o Brasil a Palma de Ouro do Festival de Cannes – a única que temos.

Às 21h, desta quarta, quem passar pelo Estação NET Botafogo vai poder conferir as razões que levaram o longa-metragem de Anselmo Duarte (1920-2009) a vencer na Croisette. Haverá uma projeção especial do filme em tela grande. É uma forma de entender as polêmicas que cercam sua consagração.

No ano de seu lançamento, o Cinema Novo já apresentado seu cartão de visitas com “Barravento”, de Glauber Rocha; “Os Cafajestes”, de Ruy Guerra; e o coletivo de “Cinco Vezes Favela”. Diante dessa nova turma, com a proposta de uma revolução estética que estendesse a dimensão revolucionária do cinema também para a forma, o projeto de drama sociológico de Dias Gomes, à luz da direção clássica de um ator como Anselmo, soava algo antigo. Isso para alguns.

Para outros, como o júri chefiado pelo poeta e diplomata Tetsuro Furukaki, o Zé do Burro de Leonardo Villar foi um ícone da catarse moral inerente ao fundamentalismo.

Mas outros títulos que ganharam Cannes também provocaram convulsões. O ganhador deste ano, “Anora”, de Sean Baker, despertou amores de modo



Leonardo Villar como o Zé do Burro em ‘O Pagador de Promessas’

# Palmas para ‘O Pagador de Promessas’

Estação NET Botafogo projeta neta quarta nosso único ganhador do prêmio máximo de Cannes, que consagrou mundialmente o texto teatral de Anselmo Duarte, mas não escapou da polêmica

mais unânime. Porém, três anos atrás, “Titane”, de Julia Ducourneau, gerou rachas. Lançado no Brasil diretamente na streaming-sfera, na plataforma MUBI. Por onde passou o thriller sobre uma assassina com placas de titânio no corpo, que fica grávida de um carro (!) e expele óleo diesel da vagina (!!), foi visto com estranheza, sem harmonizar as opiniões de seus espectadores.

Cannes dividiu-se num Fla x Flu tipo “Amei” x “Odiei” ao fim de sua projeção. San Sebastián viveu a mesma situação. O Festival do Rio, idem. Houve gente saindo das sessões quando, sua protagonista, Alexia (Agathe Rousselle) bate o próprio rosto contra uma pia, a fim de deformar seu nariz. Deformar-se é parte da reinvenção pela qual a personagem há de passar quando se assume, sem

culpa, como serial killer, dando um ponto final à existência de homens que passam dos limites na aproximação a ela e dando um adeus a mulheres que não reagem a seus carinhos furiosos como ela espera. E ela mata usando um pau de cabelo como arma. É indigesto (para alguns) torcer por ele. E mais indigesto ainda é lidar com a brutalidade que a cerca.

Divulgação

## OUTRAS PREMIAÇÕES POLÊMICAS

Confira, abaixo, outros casos de títulos premiados que criaram muita polêmica ao longo dos 77 anos de história do tradicional festival francês, criado em 1939:

**“A CLASSE OPERÁRIA VAI AO PARAÍSO”, de Elio Petri, empatado com “O CASO MATTEI”, de Francesco Rosi, em 1972:** O culpado por esse empate foi o cineasta Joseph Losey, que fez história em Cannes ao premiar não dois (belíssimos) filmes, mas, sim, um conceito: o cinema político, a estética de guerrilha, a tradução audiovisual da “poesia de protesto”. Era uma forma de filmar que os italianos faziam melhor do que ninguém, tendo um ator como divo Gian Maria Volontè. Mas os dois longas fizeram uma carreira invejável nas bilheterias internacionais.

**A MISSÃO, de Roland Joffé, 1986:** Foz do Iguaçu tem até hoje figurinos, indumentários e partes dos cenários usados nas filmagens deste épico indigenista sobre uma expedição jesuítica à América do Sul que lutou para proteger uma civilização dos povos originários da violência colonizadora. A trilha sonora de Ennio Morricone é um patrimônio da história da música. Que o filme é bonito, não resta dúvida. Mas daí a considerá-lo mais relevante do que “O Sacrifício”, o canto do cisne de Andrei Tarkovsky, não dá. Mesmo.

**PULP FICTION, TEMPOR DE VIOLÊNCIA, de Quentin Tarantino, em 1994:** Nem o presidente do júri, Clint Eastwood, ficou plenamente convencido da força dessa narrativa em três segmentos com um introito em restaurante, esboçando, em meio a um papo de casal um assalto. Houve quem reclamasse de que Cannes estava se rendendo ao pop. Mas o que o júri, de modo geral, à revelia de Clint, percebeu, é que ali havia uma nova modalidade dramática que incorporava o que havia de mais trivial para propor uma nova estética.

# Chocante, porém sublime

Artista plástica  
Paula Klien estreia  
na literatura  
com romance  
autoficcional ‘Todas  
as Minhas Mortes’

Divulgação

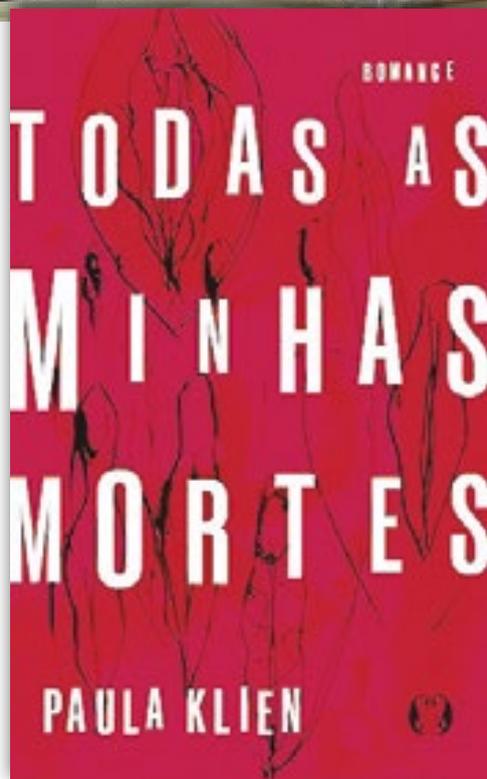


**A** artista carioca Paula Klien estreia na literatura, aos 55 anos, com o romance autoficcional “Todas as Minhas Mortes”, interrompendo as suas criações em artes plásticas para escrever uma jornada literária que desafia limites, enternecedora e eletrizante ao mesmo tempo.

Com uma estilística própria, incisiva, ousada e nietzscheana, o livro, lançado em fins de maio no Rio e em São Paulo, proporciona, com absoluta crueza, aspectos da nossa mais profunda humanidade.

Rompendo com as formas tradicionais de comunicação e pensamento, sua narrativa tem o poder de acionar gatilhos mentais e de criar vínculos com os leitores, marcando cada pessoa de forma única.

A obra centra-se em Laví – protagonista cujo nome peculiar é uma alusão à expressão francesa “La vie” (ou “A vida”,



*‘Todas as Minhas Mortes’, primeiro livro de Paula Klien’, narra as descobertas e experiências vividas pela protagonista Laví de forma frontal e sem rodeios*

em português). Da infância à pós-menopausa, as descobertas e experiências vividas por Laví são tratadas frontalmente e sem rodeios. Paula Klien aborda assuntos complexos da trajetória ontogenética de um ser com uma franqueza desconcertante.

“Todas as Minhas Mortes” nos conduz pela construção de uma mulher madura, enquanto aborda seus desafios e frustrações. De súbito, a obra nos joga para uma segunda era na vida da protagonista: um tempo marcado por dores. Em um carrossel de esperanças, desencantos, questões morais do feminino e momentos

tenebrosos, as mortes que marcam a vida de Laví conversam com as nossas sombras e revelam uma força descomunal em busca da maternidade.

“Trata-se de uma mulher livre que não somente dialoga com os temas mais contemporâneos do feminino, mas que também pode ser um icônico exemplo de resiliência, perseverança e força. Tal qual uma fênix, Laví renasce de cada uma de suas mortes, remetendo aos grandes mitos gregos”, compara a autora.

Uma epopeia contemporânea à qual Perséfone dá o tom, “Todas as Minhas Mortes” tem potencial para fundamentar profundas investigações sobre a humanidade no mundo atual. É uma experiência arrebatadora, imersa nas profundezas da intimidade feminina. A obra é marcada pela reflexão, pelo pensamento filosófico e por uma sensibilidade poética singular.

Nascida em 1968, no Rio, Paula Klien é artista multidisciplinar com significativa projeção internacional no campo das artes visuais. Como artista plástica, trabalha principalmente com técnicas ancestrais. Também atuou como fotógrafa e diretora criativa durante dez anos. Muitas de suas obras estão em acervo de museus e coleções relevantes. Além disso, Paula foi uma das artistas pioneiras no campo da Cripto Arte e dos NFTs (tokens não fungíveis).

Paula define a escrita como uma paixão antiga, mas conta que só começou a escrever “para valer” em 2022, ano em que deu início ao projeto de “Todas as Minhas Mortes”, sua estreia no mundo literário. Ela justifica sua escolha pelo gênero da autoficção pela possibilidade de apagar a fronteira entre realidade e ficção e pelo seu caráter híbrido, que não pode ser classificado meramente como “relato” e nem como “biografia”.

Escrever o livro, segundo a escritora, “foi um exercício de inteligência para ressignificar experiências pessoais”. Durante o processo de construção, ela reuniu uma pesquisa extensa, que envolveu leituras em etimologia, filosofia, psicanálise e mitologia grega. Ela, que se considera “muito metódica”, também é afirmativa a respeito da influência de sua bagagem e experiência de vida, tanto na narrativa quanto na definição de seu estilo literário.

A autora revela que cultiva alguns rituais dentro do seu processo criativo como escritora: “Gosto de acender velas e de chamar bons espíritos para perto de mim antes de começar a escrita”. Por fim, Paula revela já ter ideias e títulos registrados para um segundo livro.